

**ESSE NEGÓCIO DE LIVROS**  
**EPISÓDIO 10 – A IMPORTÂNCIA DO TÍTULO**

**01:00:17:15**

**VINHETA DE ABERTURA**

O título faz parte da obra.

O nome já carrega ali toda a genética do livro.

Como é que nasce um título?

O título é que nem nome de filho.

Porque que o cara se chama João?

ESSE NEGÓCIO DE LIVRO

**Episódio – A IMPORTÂNCIA DO TÍTULO**

**01:01:10:23**

**MARIA FERNANDA RODRIGUES – Repórter de literatura O Estado de São Paulo**

O título é o primeiro contato que a gente tem com o livro. É a identidade do livro. Então à partir dali a gente já, já tem uma ideia se vai querer olhar a quarta capa, se vai querer ler a orelha, se já vai passar para o livro do lado, no caso da gente estar numa livraria. Então o cuidado é esse, fazer um título que não entregue a estória inteira mas que desperte a atenção para que ele vá além, para que ele saia daquela primeira impressão e procure mais informações sobre a obra.

**01:01:40:20**

**JIRO TAKAHASHI – Editor Executivo Nova Aguilar**

O título é a primeira coisa que já dá um toque, já dá uma dica – “Esse é para você.” E o leitor logo percebe – “Esse é dos meus!”

**01:01:40:20**

**MARIA AMÉLIA MELLO – Editora Autêntica**

Pra mim é o grande desafio e o grande barato dessa estória. Quer dizer, dar título, dar cara ao que não existia. Esses livros não existiam antes.

**01:02:12:01**

**NOEMI JAFFE – Escritora e professora de escrita criativa**

As editoras querem títulos que vendem, claro. Mas, para o autor o título precisa ser ao mesmo tempo coerente com o que ele escreveu, mas claro, também chame a atenção do público, fogue a curiosidade do leitor, e faça com que o leitor sinta vontade de folhear o livro na livraria, e eventualmente comprar. Então, acho que tem que servir às duas coisas, claro.

**01:02:43:07**

**MARIA FERNANDA RODRIGUES – Repórter de literatura O Estado de São Paulo**

Um bom título é a essência da estória. Ele pode não fazer sentido ali no começo, não fazer sentido no meio da leitura, mas quando você termina, aí a leitura se completa. É a estória, é aquele título, é o que está por trás daquilo. Ele tem que sintetizar aquilo que o autor está querendo contar.

**01:03:03:15**

### **MARÇAL AQUINO – Escritor e roteirista**

Por exemplo, os títulos do Garcia Marques são imbatíveis, “Cem ano de solidão”, “O amor nos tempos de cólera”, “Crônica de uma morte anunciada”. Só pra gente ficar em um escritor maravilhoso que é bom de título.

**01:03:22:02**

### **NOEMI JAFFE – Escritora e professora de escrita criativa**

Bom, nas minhas aulas eu dou muita importância aos títulos. Os alunos quando escrevem precisam colocar o título, a não ser que não ter título também seja intencional. Mas não tem técnica não. É assim um pouco do que a gente acha, diante daquele texto, o que cabe, não cabe, vai acrescentar, vai chamar, vai fisgar o leitor ou não.

**01:03:52:07**

### **JIRO TAKAHASHI – Editor Executivo Nova Aguilar**

Eu tenho por exemplo, assim alguns casos que muita gente acredita que pode ter sido o título que tenha ajudado muito no sucesso de alguma coisa, que quando na Ática nós criamos a coleção “Para gostar de ler”. Praticamente não sabíamos que título colocar. Mas pra quê que é essa coleção? Para gostar de ler. E ficou. É uma coleção que tem 40 anos, e todo mundo vem e fala – “Olha, título maravilhoso para a coleção!”.

**01:04:31:15**

### **MARÇAL AQUINO – Escritor e roteirista**

Eu desenhava entre os 11, 12 anos. Eu achava que eu ia ser desenhista de estória em quadrinhos. Mas ali pelos 12, 13 anos eu comecei a ler os primeiros livros. E eu entendi que, realmente o que eu gostava era de contar estórias por escrito, que me parecia muito mais completo do que desenhar. Desenhar pra mim sempre tinha uma limitação. Ao passo que com a literatura eu podia fazer o que eu quisesse. As palavras, elas nesse sentido, você tem potência para conseguir instaurar uma realidade na cabeça de quem lê é melhor do que desenhar. Porque você forma as imagens na cabeça. Eu falo sempre – “É um filme que passa na cabeça de cada um quando você lê um livro.”

**01:05:17:21**

### **BETO BRANT - Cineasta**

Eu li uma resenha de uma livro do Marçal chamado “As fomes de setembro”, editado pela Estação Liberdade. Li e me entusiasmei e que era uma oportunidade para mim de fabular para fazer curta metragem naquela ocasião. Nós não conseguimos rodar o curta, que fazia parte desse livro. No livro novo, nos aproximamos como amigos, eu comecei, ele começou a me passar a literatura inédita. Foi quando chegou na minha mão o “Missa Danúbio”, no qual faz parte um conto chamado “Matadores”. À partir dele nós fizemos o roteiro do filme “Os matadores”. Botou um artigo há mais.

**01:06:04:11**

### **MARÇAL AQUINO – Escritor e roteirista**

Eu não sei explicar para você como é que começa a escrever um livro. Tem sempre, são vários os caminhos. Às vezes eu ponho uma frase no caderno, eu não sei de onde veio essa frase, e eu resolvi examinar o que está por trás dessa frase, e posso chegar num conto como, radicalmente, numa novela. Às vezes, me ocorre um título, primeiro, antes de tudo. E eu gosto do título, e eu acho que tem uma estória escondida atrás daquele título, e eu vou investigar aquilo e acabo chegando numa estória que cujo o título se aplica. Por exemplo, uma vez eu acordei pensando – “Vou escrever um livro chamado “O Invasor.” O quê que é o invasor? Eu também não sabia. Eu falei – “Vou descobrir o que é o invasor.” E

aí criei uma estória onde o sujeito sai da periferia contratado para matar um outro sujeito, e se inclui na vida desses dois sócios que o contratam, e esse é o invasor.

**01:06:50:24**

**BETO BRANT – Cineasta**

O que ele contou como sinopse da estória do “O Invasor” achei muito cruel. Uma estória sem esperança e violenta e tal. Só que aí eu vou ver como ele escreve. Aí eu fui à casa dele, e ele me abriu o texto inédito. Aí você vê o talento dele, da descrição, da composição de cada personagem, de como ele problematiza o conflito do filho, do livro. E isso é fascinante! Ali na hora que eu li o texto original, aí pronto, vamos fazer um roteiro.

**01:07:28:25**

**VIDEOGRAFISMO - QUANDO NASCE O TÍTULO**

**01:07:34:01**

**JIRO TAKAHASHI – Editor Executivo Nova Aguilar**

A obra não começa no primeiro parágrafo. Começa no título. Então é muito difícil você interferir num título de um autor. Principalmente se é ficção. Na poesia muito mais.

**01:07:51:01**

**MARIA FERNANDA RODRIGUES – Repórter de literatura O Estado de São Paulo**

Eu particularmente, o título é a última coisa que eu escrevo. Escrevo a matéria inteira, todos os fechamentos, e o título é a última coisa mesmo. Acho que cada um tem um modo de trabalhar. Você já vem com uma ideia de título, aí você vai escrevendo a estória, e depois você vê se aquilo funciona ou não, porque às vezes a estória vai para outro caminho. Você tem lá um roteiro, uma ideia do que você quer escrever, mas coisas acontecem no meio, e às vezes o título perdeu o sentido.

**01:08:25:05**

**NOEMI JAFFE – Escritora e professora de escrita criativa**

Quando eu vou escrever um livro, o título é sempre a última coisa. Porque também quando eu vou escrever um livro eu não sei o que eu vou escrever. Eu só tenho uma ideia mais ou menos definida e que eu vou descobrindo ao longo da escrita e muitas vezes vai se modificando justamente ao longo da escrita, então, se eu tivesse um título eu me sentiria restrita.

**01:08:46:10**

**MARÇAL AQUINO – Escritor e roteirista**

Eu gosto muito de título. Bom, aquela velha experiência de fazer manchete em jornal. É muito parecido, você pôr nome numa coisa, é uma coisa que eu gosto muito. É muito difícil eu ter uma crise por causa de títulos. Eu conheço escritores que não chegam no título, demoram para chegar no título. Normalmente eu tenho mais de uma opção.

**01:09:04:24**

**FERNANDA YOUNG – Escritora e roteirista**

Freud diz que o maior ato de poder é você dar nome, ao seu filho, a seu cão, apelidos para seus amigos, já que você não pode dar nome para eles, então assim para seus namorados, enfim, você dar o nome. Quando eu dou o título, quando eu atesto que aquela obra é minha, que ela existe.

**01:09:32:07**

### **MARÇAL AQUINO – Escritor e roteirista**

Tem um título que eu gosto muito que é “Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios”. Eu estava andando na rua, tinha saído de um bar com um amigo, e me ocorreu isso. Do jeito que está: eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios. E esse menino que estava comigo é um poeta. Então eu disse a ele: “O quê que lhe parece isso?” Ele disse: “Parece um verso ruim de bolero.” E aí eu cheguei em casa e anotei no meu caderno. Pus lá um título, e deixei lá. Dois anos depois eu comecei a escrever a estória de um fotógrafo de São Paulo que vai ao Pará e se envolve com uma mulher bastante peculiar, e eu entendi na hora que este livro só poderia ter aquele título que eu havia pescado dois anos antes.

**01:10:16:27**

### **JIRO TAKAHASHI – Editor Executivo Nova Aguilar**

A minha tendência sempre é discutir antes previamente. Mas quando o autor tem um título já definido, a minha tendência é sempre aceitar. Tive sempre sorte também de ter autores que vinham com títulos, muitas vezes um autor como Roberto Drumond, por exemplo, ele tinha o título muito antes dele começar a escrever o livro. “O sangue de Coca Cola” por exemplo, ele tinha o título e não tinha escrito uma linha.

**01:10:47:20**

### **MARTA GARCIA – Editora independente**

Um dos papéis do editor também é palpitar no título. Alguns livros vem com os títulos prontos, fechados, incríveis. Ruy Castro é um exemplo de um cara que traz os títulos mais incríveis, e que você não questiona nem por um segundo. “A estrela solitária”, “O anjo pornográfico”, “A noite do meu bem”, “Carnaval no fogo”. E aí ele coloca um subtítulo para dizer o quê que o livro é. Esses títulos são um pouco enigmáticos. Agora tem outros autores que ficam até o fim do livro sem saber que título dar e contam muito com o palpite do editor.

**01:11:27:01**

### **MARIA AMÉLIA MELLO – Editora Autêntica**

Graciliano Ramos chegou na velha José Lobo, que era uma livraria na Rua do Ouvidor, 110, famosa, que tinha um círculo dos grandes autores, ele chegou lá muito entusiasmado e disse que ele tinha escrito o livro da vida dele. E alguém resolve perguntar: “Qual é o nome do seu livro?” Ele responde: “O mundo coberto de penas.” Aquele silêncio constrangedor. Porque o título não era bom. Mas ninguém fala nada. Até pelo temperamento dele e pelo entusiasmo que ele chegou naquela estória. Alguém para quebrar gelo e o desconforto, pergunta: “Mas sobre o quê que é o seu livro?” Aí ele diz: “Meu livro é um livro duro, um livro de, árido, seco, do Nordeste, seca, de gente de vidas secas.” Alguém grita: “Esse é o título do seu livro.”

**01:12:24:10**

### **VINHETA ESTAMOS APRESENTANDO**

**01:12:38:22**

### **VINHETA VOLTAMOS A APRESENTAR**

### **VIDEOGRAFISMO – CURTOS OU LONGOS**

**01:12:52:17**

**MARIA FERNANDA RODRIGUES – Repórter de literatura O Estado de São Paulo**

Eu sempre ouvi que é para evitar títulos muito longos. Mas os meus livros preferidos tem títulos muito longos, então acho que não tem regra. Se você quiser fazer um título longo ele tem que ter ritmo, ele tem que ser facilmente lembrado. Se ele for um título curto, às vezes, sei lá, evitar uma palavra trivial. Mas por outro lado, uma palavra trivial como “Lar”, que é o título do livro do Arando Freitas Filho, tem muito significado ali.

**01:13:20:22**

**MARTA GARCIA– Editora independente**

De uns anos pra cá, os títulos longos acabaram sendo, ficando comum, mais comuns. Quando você pega literatura do século 19, começo do século 20, eu acho, até onde vai o meu conhecimento, os títulos eram mais curtos. “Crime e castigo”, “Madame Bovarie”, “Vermelho negro”. Se bem que lá no passado, havia no século 16, por aí, também aqueles títulos super longos, que explicavam tudo que vinha dentro do livro. Mas isso, depois eu acho que acabou desaparecendo por um certo período. E de um tempo pra cá, a gente tem visto alguns títulos bastante longos.

**01:14:03:08**

**MARÇAL AQUINO – Escritor e roteirista**

Eu gosto de títulos longos. Embora eu tenha títulos muito sintéticos como “Invasor”, mas eu tenho outros títulos como por exemplo “Famílias terrivelmente felizes”, “O amor e outros objetos pontiagudos”. Eu gosto de título. Eu acho que o título só não pode ser maior que o livro.

**01:14:23:27**

**MARIA FERNANDA RODRIGUES – Repórter de literatura O Estado de São Paulo**

Acho que o primeiro que eu comprei por causa de título, eu era adolescente, ainda era a época do Círculo do Livro. Meu pai deixou a gente escolher qualquer livro que tivesse ali no livrinho, eu comprei “O risíveis amores”, do Condé. Não li na época. Achei que não estava pronta, mas voltei a esse livro anos depois e adorei. Outro livro que eu comprei por causa do título foi o do Marçal Aquino, “Receberia as piores notícias dos seus lindos lábios”. Eu li a matéria no jornal, no dia seguinte eu fui na livraria para comprar. Talvez se eu tivesse lido a sinopse naquela hora não seria a leitura que eu faria, mas o título me levou o impulso da compra.

**01:15:02:16**

**MARÇAL AQUINO – Escritor e roteirista**

Eu fui convidado para ler um trecho deste livro na primeira FLIP. É um livro que ainda era uma obra em progresso. E eu me lembro que eu não estava afim de ficar discutindo título. Eles imprimiram um capítulo, e distribuíram para o público. E lá estava assim “trecho do livro inédito de Marçal Aquino”, mas não dizia o título. E o apresentador desse evento era um jornalista chamado Flávio Pinheiro. E no camarim o Flavio me perguntou – “Como chama seu livro?”, porque o Flávio gostava dos títulos dos meus livros. E aí eu falei pra ele – “Tem um título de trabalho, mas eu não pretendo falar aqui para o público, porque eu não quero ficar ouvindo nego falar que não é comercial.” E aconteceu aquela coisa que acontece com jornalista. O Flavio chegou no palco, ele disse – “Olha, o livro tem um título lindo, mas ele não vai falar para vocês.” E quando eu falei, antes de falar, ainda falei - “Eu já sei que nenhum editor vai querer publicar.” O Luiz estava na primeira fila ergueu a mão e disse: “Eu publico.” Naquele momento o livro ganhou o seu título definitivo, porque então eu não deixei ninguém mudar.

**01:15:59:21**

**BETO BRANT – Cineasta**

Esse livro do Marçal, ele serviu de texto para uma peça de teatro, uma série de TV e um filme.

**01:16:07:22**

**MARTA GARCIA– Editora independente**

O livro do Marçal, não sei se inaugurou, mas ele veio junto com uma certa tendência de uma aceitação por títulos mais longos, títulos com a frase completa.

**01:16:28:23**

**NOEMI JAFFE – Escritora e professora de escrita criativa**

Eu dou muita importância para o título, porque eu acho que o título já é parte da obra. Quando você vê, por exemplo, em obras plásticas os artistas que gostam de dar títulos significativos a suas obras, entendem que o título é parte da obra, é tipo um vestibulo, assim, um lugar de entrada - Aqui você vai entrar num mundo. Tá pronto para ir comigo? O título dentre os meus livros que causa mais estranhamento é “O que os cegos estão sonhando”. A origem desse título é muito bonita, porque é um livro sobre a estória da minha mãe, que é sobrevivente de Auschwitz, do campo de concentração. Eu estava escrevendo, estava no processo de escrita do livro, e um dia minha mãe me telefonou, ela sempre tem curiosidades meio cosmológica sobre a vida, sobre a natureza, sobre o universo. Ela me telefonou e perguntou: “Filha, o quê que os cegos estão sonhando?”. Aí eu perguntei: “Mãe, do que você está falando? De quê cegos”. Porque a minha mãe não fala português perfeitamente, e ela não sabe diferenciar entre o presente contínuo e o presente simples. Na verdade o que ela queria perguntar era “O que os cegos sonham?”. Se eles não veem imagens, como eles sonham? Eu não soube responder na hora porque eu não entendi direito, mas, eu percebi imediatamente que aquele era o título do nosso livro. E eu falei – “Mãe, eu não sei te responder, mas esse é o título do livro.” Ela falou: “É mesmo!”.

**VIDEOGRAFISMO – TÍTULO VENDE?**

**01:18:12:16**

**LUIZ ALVES– Editor Global**

O título sozinho não vende. Você tem que enfeitar. Uma boa diagramação, uma boa ilustração. Um puxa o outro. E eu estou falando tudo isso dentro de um raciocínio comercial.

**01:18:26:10**

**MARIA AMÉLIA MELLO – Editora Autêntica**

Quer dizer, você tem que vender o livro, a ideia, já naquele momento. Você tem que atrair o leitor já naquela estória.

**01:18:39:25**

**MARTA GARCIA– Editora independente**

É claro que a medida ideal é um título que diga exatamente o que a obra é, e que tenha algum apelo comercial. Mas nem sempre isso é possível. Isso eu acho muito difícil de avaliar. Sinceramente, eu acho difícilimo avaliar o quanto o título é vendedor. Mas, a gente sabe quando um título não funciona de jeito nenhum.

**01:19:08:03**

**FERNANDA YOUNG – Escritora e roteirista**

Por exemplo, “O pau”. “O pau” é uma estória muito interessante. Eu estava escrevendo um livro há uns dois anos. Chamava “Identificação com o inimigo”. Livro muito rebuscado. Aí lá pelas tantas eu falei: “Putz! Tá chato! Por que assim, o quê que eu quero com isso? Sabe”. A Identificação com o inimigo é um termo da psicanálise, se eu não me engano foi criado Anna Freud, que você acaba se tornando aquele que você mais teme. Escrevi esse texto fortemente, que depois eu percebi: “Gente, esse livro está enorme...”. Uma coisa que na verdade é sobre o pau e sobre uma pessoa que temem tanto o outro, a traição do outro, a potência da traição de um homem, que ela acaba, no caso do pau, ela acaba torturado este homem, destruindo de certa forma o pau. E aí eu percebi – “É sobre isso! Vamos limpar tudo isso.” Aí eu desfiz aquele livro todo. Aproveitei, sei lá, umas quinze páginas do “Identificação com o inimigo”, e escrevi “O pau”. Escrevi “O pau” em vinte e um dias. Você mudar uma coisa para outra, e mudar a estrutura de um romance que era de um peso, com aquele título, numa coisa que se chama “O pau”, e fazer a síntese daquele assunto todo aqui, mostra bem como é que o título consegue revelar muito da obra, na minha obra.

**01:20:35:20**

**JIRO TAKAHASHI – Editor Executivo Nova Aguilar**

Receita de como tem que ser a capa, como tem que ser o título, seguramente ninguém tem. O que a gente tem assim, um certo cuidado que todo mundo tem que ter, de dizer aquilo que o público às vezes está esperando. Exemplo de um título, por exemplo, que aqui no Brasil não funcionou, é um livro de auto ajuda, assim, inspiracional, que fazia sucesso no mundo inteiro e tinha o título original que traduzindo literalmente aqui para português seria “Canja de galinha para as almas”, “Chickens soup for the souls”, e foi um fracasso, foi um fracasso total, e a editora logo parou de publicar a série, devolveu os outros livros, e falou – “Esse livro infelizmente não pegou no Brasil. “ E aí os autores, o agente estrangeiro todo, procurou outra editora. Aí com a editora nova, a editora estudou o livro todo, aí eles mudaram o título para “Estórias para aquecer o coração”. E aí foi um grande sucesso. Ficou mais de dois anos na lista dos mais vendidos.

**01:21:43:26**

**MARIA AMÉLIA MELLO – Editora Autêntica**

Tem umas estórias engraçadas. O próprio Ferreira Gullar, grandessíssimo amigo, tinha feito o livro dele, por conta própria e ele estava assuntando nas livrarias para ver como é que o livro estava indo. E o livro chama-se “A luta corporal”. Aí ele chegou numa livraria e perguntou: “O senhor tem “A luta corporal”?”. E o livreiro responde: “Não trabalhamos com artes marciais.” Tem a outra estória do “Bar Don Juan”, clássico de Antônio Calado, ele pergunta, alguém pergunta: “Senhor tem “Bar Don Juan”?” Ele disse: “Tenho, a gente trabalha com gastronomia e bebida e afins.” E a mais conhecida possivelmente é “Raízes do Brasil”, que ele encaminha o leitor para a seção de botânica.

**01:22:43:27**

**MARÇAL AQUINO – Escritor e roteirista**

Então são coisas que eu acho que o título, tem uma hora que você fala assim: “Esse é o título. É definitivo, é bom”. Você passa a compreender o livro com aquele título. E aí o resto é estória.

**CRÉDITOS FINAIS**

